Comentário lição 09
A Oração do Fariseu e do Publicano

Mais uma vez Jesus se utilizará de uma parábola para expor um ensinamento. Nesta, ele apresenta um contraste entre a oração do Fariseu com a do Publicano, aplicando ao coração de seus ouvintes a lição de que os elementos externos do ser humano não são os responsáveis por uma oração eficaz.

O Objetivo deste comentário é contribuir para o preparo de sua aula, e apresentar um subsídio a parte da revista, trazendo um conteúdo extra ao seu estudo. Que Deus nos ajude no decorrer desta maravilhosa lição.

A ORAÇÃO DO FARISEU

A parábola é um contraste entre dois elementos executando a mesma ação. De um lado encontramos um arrogante Fariseu, que, de acordo com sua justiça, acreditara que as suas orações estavam sendo ouvidas por motivo de quem ele é e do que ele faz. Em contraste a atitude soberba do Fariseu encontramos um humilde Publicano reconhecendo quem ele realmente é, apresentando-se a Deus arrependido e com sinceridade de coração.

Os fariseus eram uma das três seitas judaicas do século I (as outras eram os saduceus e os essênios). "O nome 'Fariseu', no grego farisaios, vem do adjetivo aramaico que significa 'separado', 'dividido'. Talvez seus inimigos tenham cunhado esse nome, pois os fariseus viviam separados do povo temendo a imundície. Eles gostavam de chamar-se 'haberin', 'companheiros', ou 'qedosim', 'santos'"[1]. Este movimento cresceu no tempo dos Macabeus, e era composto por líderes religiosos e estudantes da Lei, que criaram um bem elaborado sistema de legislação oral e de interpretações que capacitaria os judeus fiéis a obedecer e aplicar os mandamentos de Deus em todas as áreas da vida.

Originalmente reformadores piedosos, eram bem respeitados pelos judeus comuns, menos piedosos, apesar de às vezes os fariseus os criticarem por não serem suficientemente escrupulosos em guardar a Lei […] De maneira alguma eram todos hipócritas, como os cristãos geralmente supõem erroneamente. A tradição talmúdica descrevia sete categorias de fariseus, relacionadas de acordo com a motivação para o comportamento, e somente um grupo dos sete tinha fama de agir sem escrúpulo[2].

Flávio Josefo referencia que esta seita já existia em 145 a.C. Não encontramos o nome fariseu no Antigo Testamento. Contudo, eles seguiam uma linha doutrinária a partir dos *hassidins*, que alguns teólogos afirmam a existência deste segundo grupo no tempo do profeta Malaquias. Para um fariseu a quebra da lei era algo impuro, por isto muitos eram tratados por eles assim, como é o caso do publicano nesta parábola. Eles criam que a quebra da Lei fora o motivo do exílio por seus antepassados.

A história começa: "Dois homens subiram ao templo para orar". Normalmente, usamos

a palavra orar em referência à devoção privada, e a palavra cultuar para designar o que a comunidade faz em conjunto. Na fala semita, seja em aramaico, hebraico ou árabe, "orar" sem emprega em ambos os casos. Aos domingos, o cristão do mundo árabe diz ao amigo: "estou indo à igreja orar", e o amigo sabe que o falante está indo ao culto público […] Ambas as cerimônias começavam fora do santuário, no grande altar-mor, com o sacrifício de um cordeiro pelos pecados de Israel […] No meio das orações, ouviam-se o som das trombetas de prata, o retinir de címbalos e a leitura de um salmo. O sacerdote oficiante em seguida entrava na parte exterior do santuário, onde oferecia incenso e espevitava as lamparinas. Nesse ponto, quando o sacerdote oficiante desaparecia no interior do edifício, os adoradores presentes podiam oferecer suas orações particulares a Deus[3].

A parábola tem início com a imagem do fariseu em pé em local isolado realizando a sua "oração". Ele se isola para realizar a sua "prece", de modo a ficar visível pelos demais que ali estavam também a orar. Ele fica sozinho porque é um fariseu, e por assim ser não quer se contaminar com aqueles que ele considerava impuro, de modo que para os fariseus até o tocar na roupa de alguém que considera imundo o contaminará. "As razões do fariseu para ficar à parte podem ser facilmente compreensíveis. Ele se considerava justo e de fato 'desprezava os outros', como podemos verificar quando ele os descreve"[4].

As orações do judaísmo nos tempos de Jesus poderiam ser de confissão do pecado, de agradecimento por dádivas recebidas ou de petições, contudo o fariseu prefere se alto exaltar, a fim demonstrar uma falsa aparência de superioridade para com os presentes. Muitos rabinos judaicos assim procediam em suas orações. A arrogância e prepotência era comum entre eles no momento da oração, apresentando uma falsa imagem piedosa e santa, prontamente rejeitada por Jesus na oração dominical (Mt 6.5).

Mesmo sozinho, o Fariseu faz de tudo para que a atenção seja voltada para ele. Por orar em voz alta, como costume dos judeus, ele aproveita a oportunidade para proferir um "sermão" através de suas palavras. "Essa oração em voz alta daria uma oportunidade de ouro para oferecer alguns conselhos éticos não solicitados aos "injustos" em torno dele, que talvez não tivesse outra oportunidade de observar um homem da estratosférica piedade dele!"[3]

A oração do fariseu poderia ser chamada de autopromoção por palavras em vez de oração. Ele só lembra de Deus ao falar Seu nome no início da oração, depois começa a elencar suas "qualidades" e feitos de modo a trazer o ego para si e o expressá-lo em palavras. Seus comentários são um ataque direcionado aos demais através de sua glorificação humana, ele compara-se aos demais em forma de desprezo, de modo a assim confrontá-los e colocar-se em posição de destaque, e logo após inicia uma lista de feitos legalistas, para encerrar o seu discurso. Quem assim o faz, não se coloca em posição dependente da obra divina. Pessoas que oram assim passam a ser cegas para enxergar os seus pecados e arrogantes com falácias de falsa santidade.

O fariseu era justo aos seus próprios olhos. A pessoa que pensa ser justa por causa dos

seus próprios esforços não tem consciência da sua própria natureza pecaminosa, da sua indignidade e da sua permanente necessidade da ajuda, misericórdia e graça de Deus. Por causa dos seus destacados atos de compaixão e de sua bondade exterior, tal pessoa acha que não precisa da graça de Deus[5].

A ORAÇÃO DO PUBLICANO

Os publicanos não eram um partido político ou religioso. Ele eram uma classe instituída pelos romanos para coletar impostos tanto na Palestina como em todas as suas províncias. "Publicano, no grego 'têlones', é transcrição do nome latino por meio do qual eram designados os arrecadadores de impostos de Roma, desde o tempo da república. Duas palavras expressam a função fraudulenta desses oficiais: 'telos' = imposto, e 'oneómai' = comprar"[1].

Eles eram responsáveis pela coleta do imposto público, e recebiam uma certa porcentagem do arrecadado. Muitos deles cobravam impostos indevidos ao povo, ou impostos indiretos, como foi o caso de Zaqueu (Lc 19. 1-10), o que fazia com que todo o povo os odiassem. Os publicanos eram sustentados pela mais alta sociedade romana, contudo, não implica que estes faziam parte desta camada social. Eram pessoas recrutadas das mais baixas classes sociais, e, em alguns casos, nativos das regiões eram usados nesse ofício, como no caso de Levi (Mateus; Mt 9.9), que era um judeu contratado pelo império romano para arrecadar impostos em Cafarnaum.

Percebendo sua condição cerimonial de impuro, o publicano prefere se afastar dos demais adoradores presentes ao magnífico sacrifício de expiação pelos pecados de Israel. A postura admitida para a oração no Templo era olhar para baixo e manter os braços cruzados sobre o peito, com um servo diante de seu senhor. Mas o publicano está tão perturbado por causa de seus pecados que bate no peito, onde está seu coração[3].

A imagem do publicano que o fariseu colocara em sua oração agora é contrastada com a atitude quebrantada do cobrador de impostos. Ele reconhece a sua necessidade de misericórdia e assim bate no peito como forma de arrependimento. As palavras do publicano na oração estavam repletas de humildade e humilhação, enquanto a do fariseu cheias de orgulho e soberba. O publicano orava com arrependimento de seus pecados, o fariseu acreditava na sua própria justiça que para nada servia. Ele batia no peito constantemente, como demonstração de uma angústia muito grande, e de um arrependimento verdadeiro.

Além de demonstrar em suas atitudes quando batia no peito, o publicano orava com sinceridade, e assim, em seu coração rasgado pela tristeza que o movia a orar, arrependido clamava a Deus por Sua misericórdia para com ele. Note que ele nem a cabeça queria levantar, apenas orava com verdade e profundo pesar pelos seus pecados cometidos. Esta atitude demonstra um grande ato de remorso da parte do cobrador de impostos.

Jesus demonstra nesta parábola que a simples oração com arrependimento é mais poderosa do que toda arrogância da hipocrisia de uma oração de autopromoção. Aqueles que reconhecem o seu pecado, e de pronto se entregam a Jesus, alcançarão assim a misericórdia tão almejada se assim clamarem a Deus com sincera devoção.

Esperando Jesus voltar hoje!
Dc. Antonio Vitor de Lima Borba

Referências:

1 – TOGNINI, Enéas. **O Período Interbíblico**. São Paulo: Hagnos, 2009.
2 – GARDNER, Paul. **Quem é quem na Bíblia Sagrada**. São Paulo: Vida, 1995.
3 – BAILEY, Kenneth. **Jesus pela ótica do Oriente Médio**. São Paulo: Vida Nova, 2008.
4 – BAILEY, Kenneth. **As parábolas de Lucas**. São Paulo: Vida Nova, 1995.
5 – STAMPS, Donald C. **Bíblia de Estudo Pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 1995.